



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

9 DE MARÇO  
DE 1952

Director: Guilherme P. da Rosa  
Editor: José Benigno Peres

Redacção, administração e oficinas  
Rua do Século, 49 — LISBOA

NÚMERO 1.003  
ANO XLVI

## A MORTE DO REI DE INGLATERRA

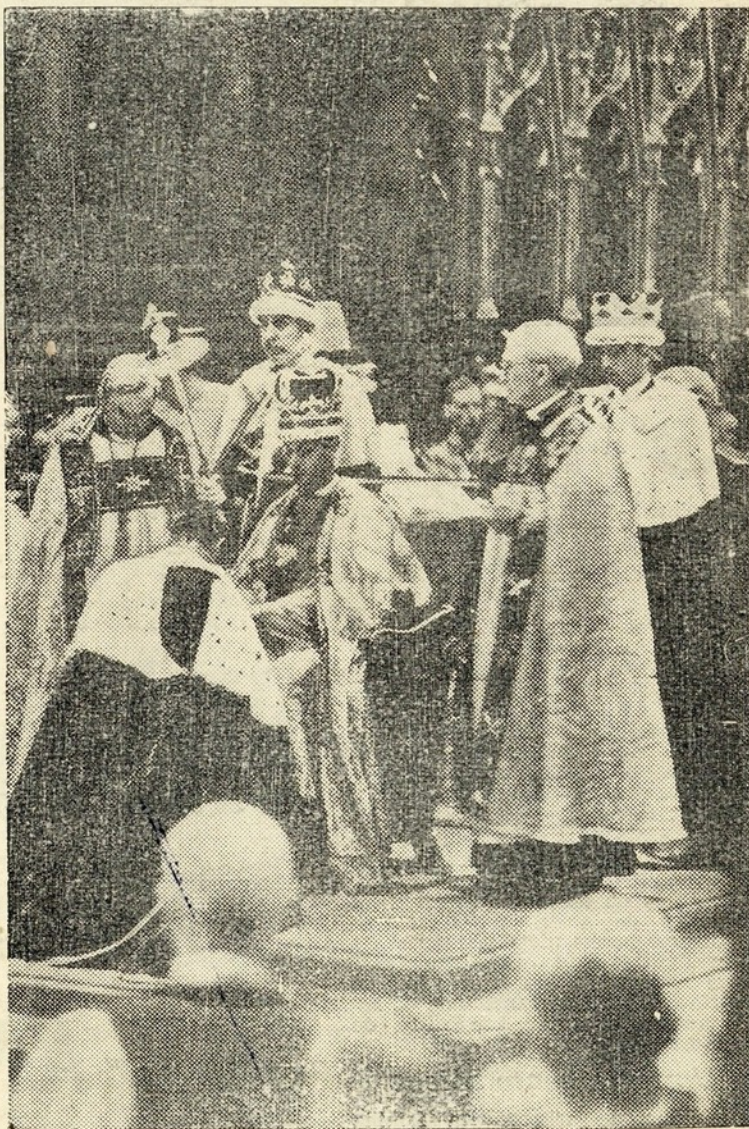
**A** Inglaterra, com a morte de Jorge VI, vê desaparecer uma das suas mais prestigiosas figuras, que tinha presa a si a mais fina estirpe da corte de Inglaterra.

O povo e a nação, irmanados no mesmo sentimento, vestiram luto; um luto que não é fácil passar despercebido aos olhares daqueles que tenham possibilidade ou necessidade de visitar a ilha britânica, — que ainda não há muitos anos foi o mais vivo e real teatro dos objectivos nazis. Então, Jorge VI e sua Augusta Esposa, esquivando o perigo a que se espunham, percorreram os locais mais atingidos pela metralha encorajando o seu povo.

Rei e rainha tornaram-se, como não podia deixar de ser, queridos pelo seu povo, e, por isso, ao dar-se o fatal desenlace que enlutou toda a Inglaterra e seus domínios, o povo acorreu em massa a testemunhar o seu último preito de sentida saudade àquele a quem ele muito devia, e que na hora da abalada o faria abater bandeiras e render-lhe a maior homenagem a que era credor.

Por morte de Jorge VI sucede-lhe sua filha Isabel II, em quem o povo deposita as suas melhores esperanças. Oxalá, que a jovem rainha tenha o seu novo cargo animado por uma paz bem merecida, no limiar da sua nova etapa, são os votos sinceros que a Pátria Portuguesa lhe deseja.

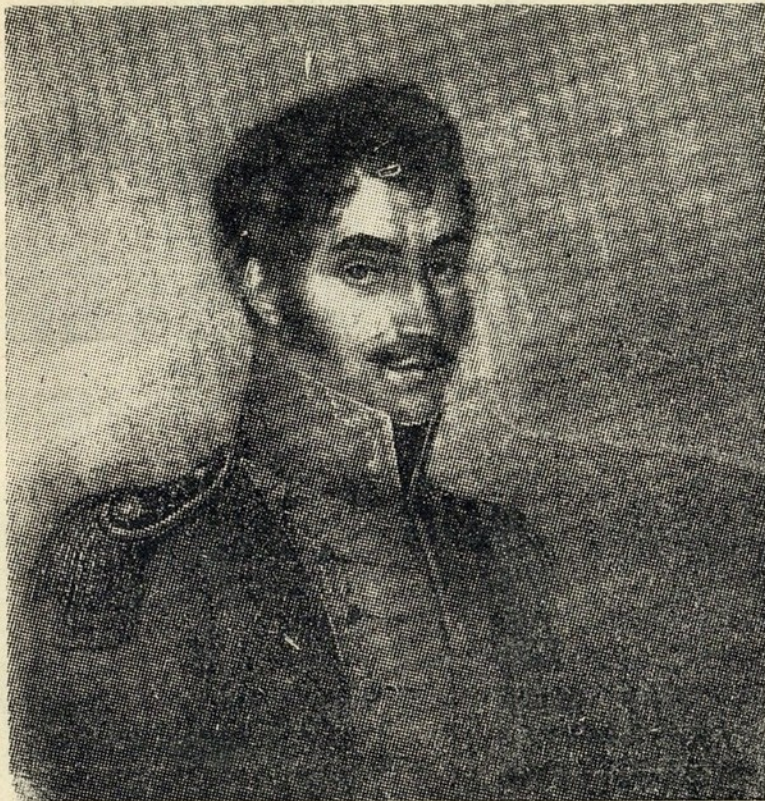
FOI BASTANTE SENTIDA EM TODO CIMPERIO BRITANICO



A cerimónia da coroação em Westminster em Maio de 1937. Afluíram a Londres mais de cem mil estrangeiros e as festas custaram 689.000 libras

VER NA PÁGINA CENTRAL, MAIS REPORTAGEM GRÁFICA DESTA ACONTECIMENTO

## Artigo de AMERICO FARIA



Simon Bolívar

**S**ó a 10 de Março de 1831 a notícia chegou à capital da Bolívia. Foi como se uma bomba ali tivesse rebentado. As populações ficaram consternadas. Todavia, Simon Bolívar, o «Libertador», o homem que, por força da sua espada e servido por sólida visão política, penetrante audácia e inteligência aguda, tornara independentes nada menos de seis nações sul-americanas — as Repúblicas da Venezuela, Bolívia, Panamá, Perú, Colombia e Equador — tinha morrido já três meses antes, a 17 de Dezembro de 1830.

Poucos vultos na história universal deixaram de pé tão prodigiosa obra para admiração da posteridade — apesar dos curtos anos que viveu, pois nascera na cidade de Caracas em 24 de Julho de 1793. A sua acção está para a América do Sul como a de Washington está para a do Norte e a de Garibaldi para a Itália.

A sua vida é um volume de gloriosos feitos e de emocionantes aventuras, em que não faltam momentos de aliciante triunfo, nem horas de amargura dolorosa — nunca, porém, de desânimo. Três grandiosos monumentos perpetuam a sua memória em três países do Novo Continente, incluindo os Estados Unidos da América do Norte.

### Um juramento solene

Filho de aristocrática família espanhola, herdou de seus pais o cavalheirismo familiar à raça, a par da arrogância orgulhosa, do carácter caprichoso deformado pela adulação e da vivacidade do espírito, muito latina. De feições correctas e boas maneiras, tinha pronunciado gosto pela oratória um pouco empolada. Algumas vezes caía no insulto aos adversários.

# SIMON BOLIVAR

## EMANCIPADOR DE SEIS PAISES

# SUL-AMERICANOS

Na idade de 15 anos, já órfão, um tio mandou-o para Espanha, para concluir seus estudos no Colégio dos Príncipes. Ali, foi companheiro do futuro Fernando VII, então ainda príncipe das Astúrias, com o qual jogava frequentemente o ténis. Na metrópole contraiu matrimónio com a filha do marquês de Poro, Teresa de Poro y

Alaica, com quem, aliás, pouco tempo conviveu, dado que, regressando a Caracas, foi-lhe a esposa arrebatada pela febre amarela, deixando-o o duro golpe imerso na mais profunda dor. Procurou lertivo nas viagens. A Europa atraía-lhe o espírito. Na França assiste à coroação de Napoleão. O prestígio guerreiro do corso influiu, porventura, na sua personalidade forte, apontando-lhe um destino semelhante: — condutor de povos.

Simon Bolívar — Jose António de la Santíssima Trindad Simon Bolívar — tinha remarcada ansia de glória e nada mais indicado para lhe incentivar esse sentimento agudo do que o exemplo de Bonaparte, então no apogeu da sua maravilhosa carreira. Em contrapartida, o dinheiro não o interessava.

Em Roma, no Aventino, tomando a terra por testemunha, jura solenemente lutar pela autonomia dos países do Novo Mundo. Ali regressa, com efeito, pouco depois, para dar cumprimento ao juramento. Ia começar a sua magnífica actividade patriótica, esgotante e de tão proveitosos resultados. A Venezuela é o seu primeiro alvo.

A Natureza, porém, parece estar contra si, contraria-o nos seus desígnios. A Natureza é a superstição dos seus compatriotas! O movimento revolucionário que ele promove é sublinhado por destruidor terramoto, que arriasa várias cidades, incluindo a capital, Caracas. Parte da população, aterrorizada, atribuiu aos pioneiros do liberdade da sua terra a causa da ira de Deus. A catástrofe era o justo castigo pela rebelião contra o rei. Bolívar, bom psicólogo, grandiloquente, num golpe de teatralidade, em mangas de camisa sobre as ruínas de um templo, desafia o pânico geral num rasgo de inflamado patriotismo, afirmando em altos braços: «Se a Natureza se opõe a nós, lutaremos contra ela e faremos que nos obedea». Um realista, o general espanhol Monteverde, aproveita habilidosamente o clima moral da população e o seu fanatismo, procla-

mando-se pacificador da Venezuela. Simon Bolívar é derrotado.

### Independência sucessiva de povos

O patriota salva-se, escapando-se para Nova Granada. E persistente, iluminado por uma fé viva, ali organiza, com a ajuda do Con-

gresso, uma pequena divisão com a qual cobre, em três meses, numa epopeia admirável, mil duzentos e cinquenta quilómetros, por caminhos agrestes, sem condições para a deslocação, vencendo no trajecto quinze batalhas e muitos combates.

A sua entrada em Caracas, como libertador do país, atinge carácter apoteótico, de arrebatador frenesi patriótico. As damas da capital, vestidas de branco, apoderam-se de herói, metem-no numa carruagem que puxaram através das ruas apinhadas de multidão delirante.

Cortado, o êxito não era definitivo. Trava-se a batalha de Cura em la Puerta, que ele perde, sendo de novo forçado a exilar-se para Nova Granada. O exército desbaratado, abandonado pelas massas populares que antes o vitoriam, acabrunhado, dirige-se a Punja e varonilmente submete-se a julgamento do Congresso, para prestar contas dos seus actos. Absolvido estimulado naquela Assembleia de homens sensatos, o seu ânimo reergue-se pronto mais uma vez para a luta. A sua missão era de grandeza e não de abatimento. Ele, o Titã, vai queimar-se na labareda do seu grande sonho. Efectivamente, depois de curta estadia em Jamaica, regressa ao campo activo — e, à frente do exército redentor em duras campanhas de Inverno, sobre os cumes gelados das altas montanhas, envolve-se em rias e sangrentas peleias e dá a independência à República da Colômbia.

Seguidamente sempre conduzindo as suas hostes em combates vitoriosos. liberta mais uma nação: — o Equador. A campanha é fulminante e o êxito consolida-se — que o exemplo da Verzeuela sangrava, ainda, em seu peito.

Avista-se, depois, em Guayaquil, com San Martín, outro gigante da independência das terras sul-americanas. O Peru, durante vastos anos cofre-forte da opulência do erário espanhol adquire decisivamente a sua inteira autonomia, após os vitoriosos feitos guerreiros em Junin e Ayacucho.

Bolívar, dilatado de alegria, dominado pelo entusiasmo, rubro de fervor patriótico, arenga às tropas, com vista à marcha sobre Venezuela, e fala à população do antigo e poderoso império do Sol, gente de sangue ardente e exteriorizações vibrantes, aquecendo-lhe o patriotismo adormecido.

## Viagens triunfais e homenagens apoteóticas

Em 6 de Agosto de 1825, na reunião da Assembleia Deliberativa, em Chuquisaca, assinada a Acta da Independência do Alto Peru (vasta região que recebe o nome de Bolívia em homenagem ao «Libertador») é-lhe outorgada uma medalha de ouro, guarnecida de brilhantes e com os dizeres: «A República ao herói cujo nome tem». Esta medalha devolvida, por legado, ao património boliviano, faz hoje parte do cerimonial da investidura do chefe do Estado, como símbolo do poder presidencial.

Doze dias mais tarde, a cidade de La Paz recebe o herói com indiscreto entusiasmo e atoadoras

descargas de artilharia. A recepção é triunfal, grandiosa, esmagadora. Os representantes do governo entregam-lhe uma coroa de prata filigranada, com pedras preciosas, e a chave de ouro da porta do Arco do Triunfo.

O júbilo, o delírio, as aclamações com que Simon Bolívar é acolhido por toda a parte ficam como marcos indestrutíveis do entusiasmo popular na história do novo continente.

Em Potosi, pico prateado donde a vista, em dilatado panorama, abarca terras de diversos países, para assinalar a plena autonomia das zonas americanas, arvora as bandeiras da Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia e Peru — e soleniza o acto com eloquente discurso.

Continua a sua viagem. Na cidade de Chuquisaca cobre-o uma autêntica chuva de flores e de perfumes. Gêntis senhoras, em delegação da população feminina, adiantam-se para lhe cingirem a fronte ampla com laureis de filigrana de ouro. Oferecem-lhe valiosos «bouquets» de flores — e exibem típicos bailados e cantares, que enaltecem as suas proezas de herói da independência americana.

## Bolívar rejeita um império

Lima, 10 de Fevereiro de 1826. As demonstrações de apreço ao Hércules não cessam. Na Colômbia, ainda nesse ano, fazem-lhe uma oferta desconcertante, que um ambicioso teria aceitado envaidecido: a coroa do imperador.

Bolívar sacode de si a emoção e responde calmamente num traço da sua nobreza democrática:

— Nem a Colômbia é a França, nem eu Napoleão. Napoleão era grande, único, e, além disso, sumamente ambicioso. Aqui não há nada disso. Não sou Napoleão, nem quero sê-lo; nem, tampouco, quero imitar César, muito menos Iturbid. Tais exemplos parecem-me indignos da minha glória. O título de Libertador é superior a todos os que tem recebido o orgulho humano. Portanto, é-me impossível degradá-lo.

Bolívar estava, a essa altura, já bastante cansado da sua vida brilhantemente acidentada — e com o intuito de repousar segue para a Europa. Aqui, é surpreendido pelo pedido do presidente Santa Cruz, da Bolívia, para representar o país junto da Santa Sé. «Irei representá-la, sim, perante o Eterno — escreve a sua filha, presentindo, talvez, o fim próximo — com meus rogos por sua felicidade».

De facto, pouco depois, chegou o Libertador à cidade de Santa Maria e recolhe-se, já perosamente, à Quinta de São Pedro Alexandrino. Sobrevem-lhe a congestão cerebral, que há-de prostrá-lo para sempre. Contudo, ainda tem tempo para fazer testamento. E, a 17 de Dezembro de 1830, o gigante tomba de vez. O luto é geral nas Américas. Os povos pranteiam-no sentidamente — e os seus restos mortais após doze anos de jazida na Colômbia, são trasladados com grande pompa para a Venezuela. Repousam no Panteão dos Heróis, em Caracas.

Figura apaixonante da história, de épica estatura moral, nem só

a sua actividade militar foi volumosa e brilhante (porventura já-mais ultrapassada se se exceptuar Napoleão!) pois participou de 472 combates; no campo político, a sua visão maravilhosa soube consolidar, de forma duradoura, os resultados alcançados pela sua espada fulgurante e invencível. Ele viu a necessidade da tranquilidade dos povos, como da sua defesa em conjunto e isso levou-o a reunir em Panamá, em 1826, o I Congresso Pan-Americano, com o objectivo de criar uma «união, liga e confederação perpétuas». Por conseguinte, Bolívar foi um precursor. Esta sua ideia, que foi o sonho maior da sua vida, depois do da independência territorial, só um século mais tarde, após muitas e variadas vicissitudes, veio a tornar-se nos caboucos do grande edifício do pan-americanismo.

## A Providência protege -o dos atentados

Como todos os grandes generais que ousaram desafiar — e bater — as potências poderosas, também Simon Bolívar foi alvo de atentados contra a sua vida.

Em Jamaica, por exemplo, um seu criado, a soldo dos realistas, procura matá-lo, em certa noite. Quem recebeu as duas punhaladas que levavam o seu endereço foi o jóvem Félix Amestoy, que nessa noite ocupava a maca onde Bolívar habitualmente dormia e à qual não se recolhera então, impedido por um forte temporal. Desígnio de Deus que, assim, preservou os povos ibero-americanos do retardamento da sua libertação.

De outra vez, igualmente a coberto da escuridão da noite, um celerado penetra subrepticamente na tenda de Bolívar e, julgando que alvejara o grande emancipador da América Latina, vítima o coronel Garrido, que ali dormia.

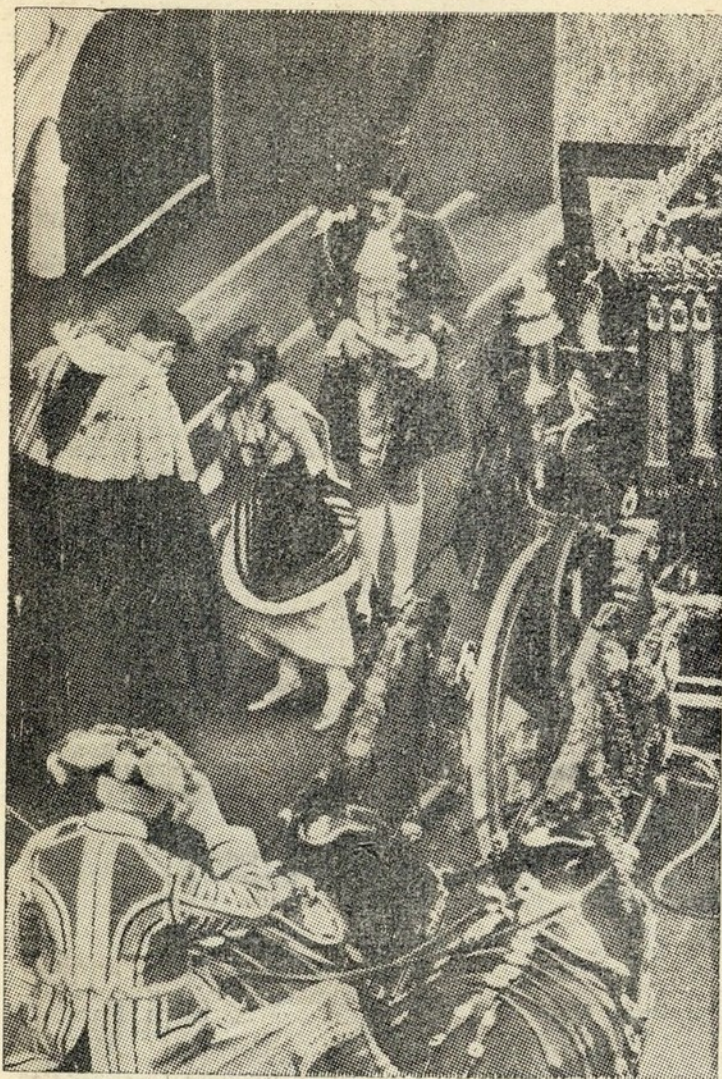
Bolívar escapa ainda a um terceiro atentado, este em Bogotá. Um bando de inimigos assalta o palácio, surpreende e neutraliza a sentinela e introduz-se no dormitório de herói, para o liquidar. Mais uma vez, todavia, a Providência toma o papel de salvadora. Bolívar presente os assaltantes e safa-se por uma janela.

Ainda em Potosi, e sempre a mando dos realistas — que tentavam por todos os modos a traição, já que na luta leal não levavam a melhor — foi dinamitada a entrada de uma mina que deflagrou na altura em que Bolívar ali chegava.

Mas, o Libertador, guiado por uma boa estrela, saía sempre incólume dos atentados.

De existência movimentada, o Libertador viveu intensamente os seus curtos anos. Como apaixonado do belo sexo, colleccionou imensas aventuras. Como militar, foi dos mais ilustres através de todos os tempos. E, finalmente, como estadista, devotado aos princípios democráticos, procurando defender o «seu continente» das cobças exteriores, coloca-se no primeiro plano dos grandes condutores de povos.

Alguns dos países que autonomizou cairam, posteriormente, nas garras ambiciosas de odiados ditadores. Mas isso é outra história diferente.



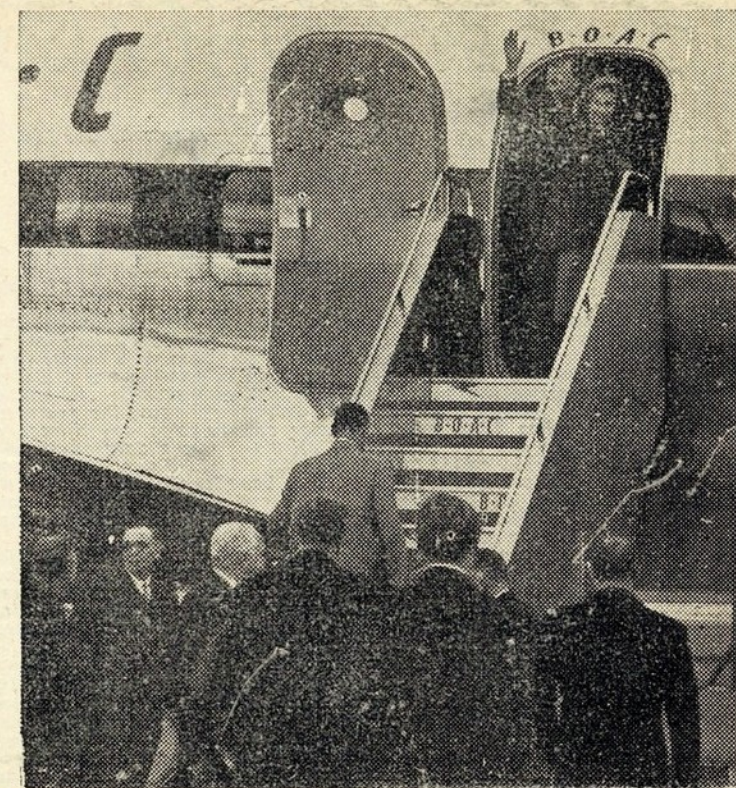
A futura rainha de Inglaterra— hoje Isabel II — desce da carruagem para assistir à histórica cerimônia da coroação de seu pai. De aqui a meses será a sua própria coroação



Jorge, duque de York, vai ser rei. É-lo, à sua chegada a Londres, após a abdicação de Eduardo VIII. Nesse dia, jantou com seu irmão e com a rainha Mary. Proclamado rei, era coroado, cinco meses depois em Westminster



Pela primeira vez, depois da sua grave doença, o rei saiu de noite. Assistiu à opereta «South Pacific» e a uma festa de despedida em honra da princesa Isabel e de seu marido, que no dia seguinte partiram para o Kênia



Isabel e Filipe partem, de avião para o Kênia. Jorge VI compareceu à despedida (é o primeiro, à esquerda, de costas) e foi a última vez que o seu povo o viu



Agosto de 1945. Depois de Truman cumprimentar Jorge VI, a bordo do cruzador de batalha «Renown», o soberano retribui, indo a bordo do cruzador americano «Augusta»

## A INGLATERRA DE LUTO

A MORTE DE JORGE VI É O ASSUNTO QUE PRENDE AS ATENÇÕES DO POVO BRITÂNICO, NESTE PRINCÍPIO DE ANO DE 1952 AO MONARCA CHORADO, SUCEDERÁ SUA FILHA ISABEL II



1947. A família real visita a África do Sul. Flores para a princesa Isabel. Estreitam-se ainda mais os braços da Comunidade britânica

# O POETA PINDARO

Adaptação de: LÚCIA

**A** CERCA da vida do grande poeta Píndaro, nascido no ano de 520, antes de Cristo, muito pouco chegou a apurar-se. Sabe-se que foi um dos mais ilustres poetas da Grécia, festejado e acarinhado quase como um deus.

Viu a luz do dia nos subúrbios de Thebas, na Beocia, tendo crescido descuidado. Os seus contemporâneos apelidaram-no com o sugestivo título de «Príncipe dos líricos», tendo-lhe rendido as mais vibrantes homenagens até o túmulo.

Ainda hoje corre mundo uma velha lenda que diz respeito ao imortal poeta das «Odes triunfais». Conta-se que, estando Píndaro ainda criança, adormecida à beira dum caminho silencioso de Thebas, um verdadeiro turbilhão de abelhas de ouro veio colocar-lhe nos delgados lábios entreabertos um enorme favo de mel, que, como se sabe, é o emblema da eloquência e da doçura. Também proserpina lhe apareceu em vários sonhos febris para anunciar ao «Príncipe dos líricos» a época exacta da sua morte corporal. Afirma-se que a data anunciada por Proserpina saiu certa. Do que não há dúvida é que Píndaro foi um homem notável, que recebeu grandes benefícios de príncipes e tiranos, da Sicília, da Macedónia e da Thessália. Os atenienses consideraram Píndaro hóspede público da cidade. E, ainda em sua vida, foi-lhe erigida uma estátua magrificca, em Thebas.

Nas deslumbrantes festas de Apolo, Píndaro sentava-se à mesa do banquete num trono de bronze, coroado de louros e rodeado pelos homens mais notáveis. Em Delfos, a pitonisa ordenou que oferecessem ao célebre poeta metade das valiosas oferendas depositadas nos altares de Apolo; este privilégio, deveras interessante, manteve-se durante décadas, para com os seus descendentes.

A vastíssima obra de Píndaro, constituída por odes, ditirambos, partenias, odes sacras e elegias, desapareceu, quase completamente, através dos séculos. Apenas quatro livros do poeta, celebrando atletas vencedores nos exercícios do estádio, puderam ser salvos. Esses quatro livros são de odes, divididos em: «Olimpicas», «Píticas», «Nemeas» e «Istruicas». Neles se pode avaliar a enérgica expressão, o forte estilo, o arrojo sublime dos pensamentos e a harmonia grandiosa da alma do poeta.

Resta dizer que o próprio conselho anfictionico concedeu ao genial Píndaro direitos amplos de pródiga hospitalidade em todas as cidades da Grécia, considerando-o um dos seus mais ilustres poetas. Cercado das maiores honras, faleceu com oitenta anos de idade.

Pode bem dizer-se que este homem foi bem fadado no seu berço; a imaginação portentosa dos gregos, atribuiu-lhe, desde os mais verdes anos, os mais fantásticos prodígios de imaginação e criação poética.

Como a quase generalidade dos seus colegas nas letras, Píndaro contou com ruidosa ênfase as qualidades morais dos seus poderosos protectores, o que lhe valeu, ser, mais e mais, adulado por esses grandes cheios de vaidade. A volta do monumento do seu túmulo, curvaram-se centenas de gregos, celebrando ainda as excelsas virtudes do seu «Príncipe dos líricos».

De Píndaro pode dizer-se, que percorreu a vida, do berço ao túmulo, no carro triunfal do poder e da glória.



## ANTOLOGIA

### O PAIS DO SOL NASCENTE

**C**OMPARANDO os aspectos normais, cominhos, que se desdobram por este Mundo fora, com outros aspectos excepcionais, em contraste flagrante com a disposição comum das coisas, pergunto eu se o termo disparate, se o termo caricatura são permitidos julgando a obra da omnipotente Criação? Haverá, por exemplo, um ilhéu disparateado, um pinheiro caricatural? Se permitidos são, se há tal ilhéu, se há tal pinheiro, então não se pode imaginar coisa mais disparateada, mais caricatural do que este arquipélago, já disparateado de nascença, emergindo a pique e como por encanto do seio das águas mais profundas do oceano, ténue, rendilhado como uma jóia em filigrana, convulsionado a todos os momentos por misteriosas comocões vulcanicas, zurrizado por tremendos ciclones, invadido, por vezes, pelas ondas enormes do Pacifico, caprichosa quimera geológica, enfim, que pode, amanhã, desaparecer no abismo, sem que por tal se espantem muito os sábios!... Tal é o Império do Japão.

A paisagem extravagante, inverosímil, inacreditável, das porcelanas e charões, hoje divulgada em toda a parte, é, como feito, a paisagem real deste Japão. Colinas, penedias, verdes planícies, lagos, cascatas, torrentes espumantes, ribeiras dormentes, vales profundos, mares interiores salpicados de ilhas e rochedos, tudo reduzido a miniaturas graciosíssimas, reunido em grupos incongruentes e projectado em fundos de céu estupendamente coloridos, eis o que os olhos abrangem num relance...

... De sorte que todo este Nipon — arte, povo, paisagem, planta e bicho — é uma deliciosa mascarada. Como fazer sentir isto a quem o não conhece, depois de ter escrito o que escrevi e de concluir que nada escrevi do que vai no pensamento?

Olhem: fixem um espelho esférico ou cilindrico; o aspecto das formas reflectidas é uma interminável surpresa hilariante, de caretas supinas, de linhas torturadas, pois tal é o aspecto do Japão...

VENCESLAU DE MORAIS

## ARCO-IRIS

NA Europa existem 4.300 variedades de flores, entre as quais, 308 tem as folhas cor de violeta, 594 pétalas azuis, 823 vermelhas, 951 amarelas, e, 1.124 são brancas e rajadas. As flores brancas são mais perfumadas; entretanto, entre estas 4.300 variedades, algumas tem mau perfume e outras carecem da sua total ausência.

\* \* \*

EM cada três anos, a cinza dos pequenos meteoros queimados deposita-se na terra aumentando mil toneladas ao seu peso.

\* \* \*

O dia de sexta-feira é para os muçulmanos o mesmo que o domingo é para os cristãos e o sábado para os judeus.

Entretanto, não implica para eles o repouso.

\* \* \*

SENHORES feudaes, dizia-se antigamente — 476 a 1453 — dos possuidores dos «feudos», ou fossem vastas terras, que os tornava soberanos, cada um dos seus dominios, dentro dos quais eram de facto «reis» pequenos.

## QUESTÃO DE ALTURA

OS habitantes do Japão, Malásia e Indochina, não chegam a medir, de altura, mais de 1,60 m., pelo que são considerados baixos. Já os habitantes da Europa setentrional, da América do Norte, e da África, nos são apresentados como de elevada estatura, pois que, geralmente, medem para cima de 1,70 m.

## Derrubar avião sem bala...

UM vaqueiro dos sertões brasileiros do Rio Grande do Sul, eximio em proezas com a corda de laçar, apostou com um piloto-aviador em como seria capaz de prender um avião em pleno vôo, por meio de laço.

O aparelho começou a voar, a uma altura previamente combinada, e o vaqueiro, manobrando a corda com pericia e certeza matemática, laçou a hélice do aparelho, só não o derrubando, o que ocasionaria um desastre trágico, por ter a hélice cortado a corda no momento fatal.

O insensato piloto, chamado Noel, foi expulso do Aero Clube de Porto Alegre, por ter arriscado a vida inutilmente e o aparelho que pertencia àquele agremiação.

Quanto ao destemido vaqueiro, o mesmo clube organizou uma festa em sua honra, que deu brado em toda a região sertaneja onde o tomam, agora, como um herói quase lendário.

Não se percebe lá muito bem esta maneira de fazer justiça no caso — a não ser que ao vaqueiro tenha sido atribuída a sensacional inovação do sistema de derrubar avião sem bala, assim a modos de quem apanha pássaros à linha...

## O PIM-PAM-PUM

em todas as quintas-feiras

# CURIOSIDADES

## O teu amor... e um automóvel

ANTIGAMENTE, no tempo dos homens românticos e das mulheres sentimentais o amor não tinha a expressão utilitária e materialista dos nossos dias. Era a doçura do bem querer, uma ternura envolvente que inspirava os grandes sacrifícios, as paixões avas-saladoras; era uma coisa simples, mas, ao mesmo tempo dominadora, imperiosa, tão nobre e elevada como enternecedora na sua poética singeleza; era menos positivista, mas muito mais sedutor do que hoje, e tão desinteressado, tão belo, tão generoso que, para ser feliz, não ambicionava riqueza.

Isso era antigamente! Hoje, que pensam as mulheres do amor e do matrimónio que o perpetua na existência venturosa das mútuas alegrias e da reconfortante ternura conjugal? Que pensam, sobretudo, do amor e do homem feito para as tornar felizes, essas garotas modernas, que lutam como marujos, se exercitam como atletas e aierem tudo de aprazível ou emocionante pelo padrão do basal?

Pois para essas mulheres modernas, de curvas aerodinâmicas, com muitas sedução, artificiosas, mas sem alma, um homem é, ou deve ser isto: «Objecto envolvido num formoso automóvel com que sonham as raparigas com ilusões e que, mais tarde, o esperam ansiosamente ainda que venha de bicicleta»...

Que diferença entre aqueles tempos românticos e ditosos do ver-te e amar-te num momento, em que para a felicidade bastava o amor e uma cabana, na doce e calma tranquilidade da vida a correr lentamente — por isso era mais vida — e a nossa era atômica, evriginosa, alucinada, em que o amor caminha à velocidade de um automóvel!...

## Peixes estranhos

**P**ERTENCEM a este número aqueles que, no Brasil, são vulgarmente conhecidos pelo nome de «paranhas», ou sejam os «peixes que ladram».

Entre os índios, o mesmo peixe tem o nome de «pana».

São espécies de peixes parecidos com os «peixes-lua», e os maiores não chegam a atingir o peso de três arratéis.

A «paranha» ou «pana» tem, dos dois lados da enorme boca, na parte de cima e na parte de baixo, duas ordens de dentes agudos, com a configuração dos dentes do tubarão.

O «peixe que ladra» é um peixe feroz. Tanto no mar como em terra é perigosíssimo, atacando o homem sem a mínima provocação.

Foi o escritor W. Up de Graff quem afirmou que os «paranhas» deixam ouvir certos gritos muito semelhantes a um ladrar prolongado, bastante impressionante. Apesar da estranha lenda que envolve estes peixes perigosos, a sua carne é muito saborosa, sendo apreciada em certas regiões do Brasil.

O «peixe que ladra» pode viver algum tempo sobre a terra, sem perder a vitalidade.

# AGUARELAS LISBOETAS

## UM DESPIQUE POPULAR

Por MANUEL MARTINHO

! H! Jesus! O arraial feito à porta da Estrudes foi de truz! A do Belmiro tinha carradas de razão. Não se trazia assim uma criatura nos dentes por dá cá aquela palha. Se a Estrudes tinha muito dinheiro que o comesse de noite e de dia! A gente ter instrução é uma coisa muito bonita. Céguinha fosse ela, Belmira de gota serena, se a outra não lhe pagasse com língua de palmo. É afinal de contas porque fora aquele aranzel, aquele despique linguareto que pôs num alvoroço todo o pátio à escuta? Apenas por uma coisa que até se metia pelos lhos dentro: digam lá, criaturas? Uma dúzia não são treze? Pois claro que são. O caso foi simples. A Estrudes, que é vendedeira de laranjas, chegou ao pátio com uma canastra de laranjas da Baía. Lindas, vermelhas, redondas e sumarenias, que eram um primor. Vai a do Belmiro, que tem o catraio com fastio, comprou uma dúzia. A outra, sem mais estas, nem aquelas, deu-lhe, apenas, doze laranjas.

Ora, é sabido, que uma dúzia são treze — aqui no Pátio da Paz e em toda a parte do Mundo. Que não, dizia a outra. Que isso era antigamente, no tempo de Dom Sancho, rei de dinastias ajonstias! Treze é que são — sempre foram! Ela que fosse ao Tribunal das Contas ou que metesse tabalião de lunetas. Era assim com as sardinhas, com o carapau, com as ameixas e com as laranjas. O sr. Venâncio, que até sabe falar com os embarcadiços ingleses, e que, volta e me'a bota discurso na sociedade, onde já foi logo abaixo do presidente, veto muito apurado, dizer que isso era uma questão de critério. Para ele, racionalmente, uma dúzia eram doze — mas podia ser também treze!

O Faustino sapateiro, que, felizmente, ainda estava em seu juízo perfeito, pois só se embebedou do meio-dia para a tarde, garantiu, também, que eram treze. As dúzias sempre foram de treze. Aqui del-rei, porque a Estrudes tinha querido vigarizar a outra.

Não sei se V. Ex.<sup>as</sup> conhecem o Pátio da Paz. É digno de se ver. Raro é o dia em que se não grita «ao da guarda!» Mas é tudo gente trabalhadora e de boas contas. Moram ali, apenas, quinze famílias. Há para cima de cem catraios, continuamente aos p.notes. As celhas da roupa e arames para a estender correm em toda a extensão. Logo de manhã é uma cantoria de desgarradas e «vinganças», que é o que está em moda. Casas baixas, de três palmos, são autênticas colmeias onde vivem gerações. Já saiu dali uma vedeta — a Deolinda Cotovia, que foi artista de variedades e variou da cabeça já depois de estar muito bem no Bairro Azul, com um antigo namorado dançarino de «fox» e jogador de guitarra. De manhãzinha, logo cedo, o pátio anima-se. Vêm as raparigas, de chinelas, perna nua, meter a roupa em sabão. Cada uma puxa do seu sentimento. Aquilo é bom de ver aquele gargateado. A filha do Espanhol, a Ernelinda, de olhos negros, ave-ludados, a boca vermelha, quente, voluptuosa, um trajecto aciganado no rosto vivo, é a que leva a palma nisto de botar cantigas. É bonita, viva, na chita que traz vestida.

Quando vai à fonte, de bilha à cabeça, um menear provocante nos quadris faz deter os olhares à sua passagem. A chinela deixa-lhe à mostra o calcachar vermelho — e o busto esbelto quase rompe a blusa onde traz o medalhão com o retrato do seu rapaz — o Baptista, que anda no mar, fogeiro das viagens do Brasil.

É um pátio com tradições. Crescem ali as sardnheiras — e há craveiros em caixotes. Também já tem luzo. A do Venâncio tem telefonía para tocar só fados e a Rosalina até já tem aparador, que é para guardar as loiças quando ela casar. No Santo António há sempre arraial. E ainda o ano passado foi tão divertido e animado, que até o sr. João, que é contramestre da fábrica dos parafusos, anda ainda com a perna entrapada de se ter queimado ao saltar a fogueira. O único defeito que ali há — é a coscuvilhice, Isso, sim. Linguareiros, não há outros. Não levantam calúnias, e certo — mas falam pelos cotovelos. De modo que não admira que o pleito travado entre a do Belmiro e a Estrudes desse pano para mangas! Teve de intervir a autoridade — o sr. guarda, que, por acaso, era uma criatura conhecida e estimada. O sr. guarda decidiu-se se uma dúzia eram doze ou treze. O respeitável civ.co coqueou a cabeça. Não era forte em matemática — e também achava que aquilo, como dizia o sr. Venâncio, era uma questão de «critér.o». Mas ninguém sabia o que isso queria dizer. Que se chamasse, então, o sr. Critério — já que o sr. guarda não resolvia. Estas vendedeiras! São todas umas gananciosas e soberbas.

— Queixem-se à «Entendência!» Vão-se queixar — gritava a vendedeira, batendo com o punho no peito!

— Qual «Tendência!» nem meia tendência! Falta uma laranja!

— gritava a do Belmiro.

Foi então que o Venâncio teve uma ideia — o que nunca lhe acontecera desde que abriu os olhos ao mundo: a vendedeira só devia vender as laranjas às meias dúzias!

Sim, senhor, disseram todos. Ass.m, sim. Meia dúzia sempre foram seis. Uma dúzia, isso é que nunca!

E a Estrudes, então, fez as pazes com a do Belmiro. Acabou-se a discussão. E, para matar a vendedeira deu-lhe mais uma laranja. Mas deu-lha por alta criação. Não que fosse obrigada.

— A bem, todos me levam! Fique sabendo! Agora, a mal?! Nem que você fosse para tribunal!

E ali mesmo ficaram amigas, como criaturas de consciência e seriedade!

A essa hora o Quim e o Zézé comiam a sétima laranja tirada da canastra da vendedeira, enquanto esta discutia se uma dúzia era de doze ou de treze laranjas!

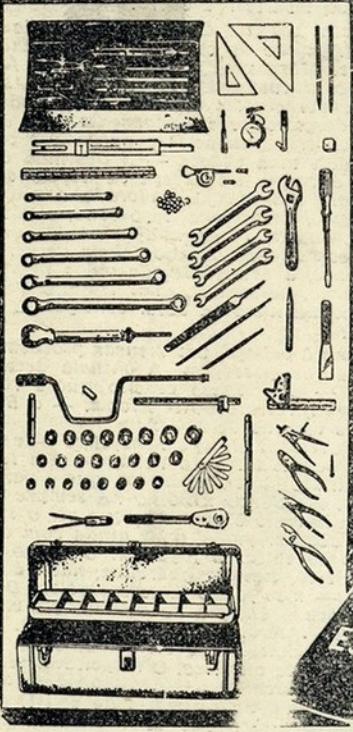
ESTE NUMERO FOI VISA-  
DO PELA COMISSÃO DE  
CENSURA

# Aprenda DIESEL e MECÂNICA AUTOMOTRIZ

**GANHE DINHEIRO ENQUANTO APRENDE**



**Valioso Equipamento Profissional Sem Despesa Para Você!**



**FAÇA O CURSO ESPECIAL DE DIESEL, MECÂNICA AUTOMOTRIZ E SIMILARES QUE LHE OFERECE ESTA ACREDITADA ESCOLA**

O mecânico preparado em Diesel e Força Automotriz tem as portas abertas para um presente seguro e um futuro promissor. A mecânica é um campo cujo rápido desenvolvimento necessita técnicos capacitados para atender seus diversos aspectos, tais como a instalação, manejo, conservação e conserto de motores. A NATIONAL SCHOOLS oferece-lhe um CURSO DE DIESEL E FORÇA MOTRIZ completo e prático, incluindo um treinamento em DIESEL DE ALTA VELOCIDADE, MOTORES ELÉCTRICOS, DIESEL PARA TRABALHO PESADO, MOTORES SEMI-DIESEL, À GASOLINA E COMBUSTÍVEL POBRE.

**TORNE-SE UM PROFISSIONAL**

Você estudará em seu lar, sem prejuízo para sua rotina diária, dedicando para isso o tempo que julgar necessário. Além das lições regulares, receberá lições especiais QUE LHE ENSINAM COMO GANHAR DINHEIRO ENQUANTO ESTUDA. Receberá também um utilíssimo equipamento profissional que lhe servirá para dar melhor desempenho aos seus trabalhos.

*Envie ESTE CUPÃO hoje!*

Prepare-se Mediante Nosso Método Comprovado e Fácil de Estudo por Correspondência



SR. L. J. ROSENKRANZ, Pres.  
4000 So. Figueroa St.  
Los Angeles 37, Calif., U.S.A. Dpto. No. PRD N-29

Envie-me mais informações sobre DIESEL; MECÂNICA AUTOMOTRIZ E SIMILARES.

NOME \_\_\_\_\_

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_

CIDADE: \_\_\_\_\_

ESTADO OU PROVÍNCIA \_\_\_\_\_

DESDE 1905

**NATIONAL SCHOOLS**  
4000 SO. FIGUEROA STREET  
LOS ANGELES, CALIF., U.S.A.